

Emancipação do índio

Já que o problema da emancipação dos índios (realmente, um infanticídio sociológico) é de interesse público, não faz mal prolongar uma discussão inútil (carta de G. Velho, 19/12/78). Trabalhamos com categorias diferentes. Aliás, não sei mesmo, a esta altura, porque tentei colocar o problema da defesa dos índios em termos, realmente, científicos (psicologia experimental). A atitude romântica, sentimental e preconceitual dos (alguns) antropólogos vinha funcionando, perfeitamente bem, como arma de combate, sobretudo, porque demagógica (o povo prefere uma boa demagogia à rigidez conceitual das teorias científicas). Creio que senti pena ao ver antropólogos tão honestos, idealistas e combativos enleados numa insuperável contradição que poderia, a qualquer momento, ser denunciada pelos interessados no infanticídio: eles defendem a tutela (própria dos menores) e, ao mesmo tempo, proclamam a igualdade evolutiva, pois não convence ninguém tutelar os índios porque eles são inferiores, apenas, econômica e militarmente (se todos os grupos humanos, econômica e militarmente inferiores, devem ser tutelados, está explicado o imperialismo que domina os países subdesenvolvidos). Depois, espera-se de antropólogos uma posição estritamente científica (a partir de uma expedição científica, os grupos políticos tomarão posição, inclusive aliciando os antropólogos). Que não se trata de posição científica constatada-se na carta supracitada (repleta de juízos de valor sobre as leituras e conhecimentos de quem pretende refutar (os chamados argumenots ad hominem); quem apela para razões moralistas ("posição deseducativa" (sic) — desistiu da ciência e optou pela crença ou pela ideologia: em ciência não há nada deseducativo: é verdadeiro ou falso. Tudo que o homem produz é, em última análise, produto biológico. É a biologia, em última análise, produto biológico. É a biologia, em última análise, que decide sobre diferenças e semelhanças. Uma espécie é uma espécie porque constitui uma unidade biológica (espécimes semelhantes). Se se produzem desvios, aos poucos a espécie divide-se, passando a constituir espécies diferentes (30 a 50 mil anos de diferenças já teriam feito dos índios outra espécie). Dizer, portanto, que os índios são diferentes (o índio e não seus produtos culturais) é puro racismo (talvez, pelo avesso).

Os arianos de Hitler eram diferentes. Quando, porém, se diz que um indivíduo (criança ou adulto) está evolutivamente atrasado, reconhece-se a unidade específica, enfocando-se a diferença pelo angulo embriológico. Existe uma embriologia individual (desenvolvimento das crianças) e uma embriologia filogenética (evolução dos seres vivos). Os partidários do agenetismo e a — historicismo puseram de lado a noção de desenvolvimento e de evolução (Levi-Strauss, em sua primeira fase, hoje superada). Quando digo que uma criança é inferior, em seu desenvolvimento, a um adulto, admito que se, trata da mesma espécie, em estádios diferentes. O mesmo acontece com os índios. "Se uma criança chega à conclusão que dois e dois são quatro. Dois anos depois de outra,

digo que o desenvolvimento da segunda é mais lento que o da primeira, nada tendo uma de diferença da outra (provavelmente foi o meio que desacelerou o desenvolvimento). São palavras de J. Piaget, cujo interesse fundamental é descobrir a evolução da espécie humana (como vai o homem ficando progressivamente, mais operativo). O desenvolvimento da operatividade (capacidade de enfrentar a natureza e de estabelecer relações sociais) passa por estádios idênticos em todos os indivíduos e em todos os agrupamentos humanos (não existe esta tolice chamada "pensamento oriental", por exemplo). Por exemplo: o indivíduo ou grupo humano que não passou pelas estruturas mentais de classificação, seriação e correspondência não inventa, jamais, a numeração (que parece aos ingênuos mero produto cultural). Pode-se, pois, hoje, medir, rigorosamente, o grau de desenvolvimento das crianças e dos grupos humanos. Nossos índios, por exemplo, não chegaram a estas estruturas supracitadas (estruturas que a criança do mundo ocidental alcança aos 6/7 anos). Assim, no confronto, comportam-se como crianças (numa negociação, por exemplo ou num jogo de regras). O próprio Vilas Boas dizia, há pouco, na televisão, que os índios são ingênuas crianças-grandes e, por isso, encantadoras (todos nos comovemos com a ingenuidade das crianças, mas não há quem não deseje vê-las adultas, operatórias e produtivas). Os (alguns) antropólogos (por falta de um estudo interdisciplinar: psicologia-antropologia) confundem cultura (qualquer produto da atividade física ou mental, seja qual for o estágio evolutivo do produtor: a criança, por exemplo, tem cultura própria, como o jogo de bolinha de gude que não é usado pelos adultos), com mentalidade (nível de complexidade lógico-matemática das estratégias mentais com que determinado indivíduo enfrenta a natureza e produz fatos sociológicos: regras, valores e símbolos).

As culturas equivalem-se, pois não há por que não valorizar, igualmente a produção possível de todos os agrupamentos humanos (neste sentido o tanto do tambor e um ídolo de marfim africano valem tanto quanto uma fuga de Bach e a Pietà de Michelangelo). Mas, operativamente, um produto cultural pode provir de uma mentalidade primitiva ou de uma mentalidade civilizada (de estruturas mentais diferentes, matematicamente). Para mostrar que não se trata de inferioridade econômica e militar, pode-se assegurar que se dessemos aos índios as riquezas e os armamentos dos EUA... eles não saberiam operar com estes instrumentos! Quando um jogador de xadrez perde para o outro não se diz que são iguais, mas diferentes: trata-se de uma inferioridade de estrutura mental, congênita ou provocada por falta de estimulação



do meio (provavelmente, por falta de estimulação, pois todos os homens têm, basicamente, as mesmas possibilidades de desenvolvimento). As diferenças que se percebem no comportamento operacional (estratégias de ação) revelam etapas do desenvolvimento e não especificidades (dizer, por exemplo, que dá para engenheiro quem tem pensamento concreto é afirmar que quem não chegou à etapa das abstrações é melhor engenheiro, o que não é nada elogioso para a digna classe). É difícil meter na cabeça das pessoas (mesmo de cientistas) que o ser humano continua em evolução (e evolução não é cultura: são os mecanismos estratégicos de ação). Neste sentido é lamentável que cientistas respeitáveis desconheçam a filiação epistemológica das teorias que defendem (não perceber, por exemplo, que esta antropologia do diferente é agenetista e a-histórica). Mais bizarro ainda é a passionalidade das posições (patente em carta do mesmo dia, no mesmo local), quando o problema está sendo tratado em nível teórico (de cientistas esperam-se, para orientação do povo, posições não passionais, o que não impede os cientistas de engajarem-se, também, na luta política, mas são duas coisas diferentes). Todo mundo de boa fé já entendeu o motivo capcioso da emancipação. O que se discute, agora, são as armas para defesa dos índios. A tese do "diferente, mas igual" é, extremamente vulnerável (e quem vai perder são os índios). Pode se comover a voracidade dos que querem usurpar as terras dos índios alegando que desejam enganar uma criança (até os delinquentes abrandam-se diante das crianças). Mas, dificilmente, alguém convencerá um desbravador de fronteiras (consideram-se heróis) de não abocanhar as riquezas de um grupo "igual, mas diferente" (afinal, a história da Humanidade, nossa própria história, foi apenas isto: não seria agora que iríamos mudar). Não li o editorial do B — Missão de Preparar, mas em tese, estou de acordo com ele: afinal, um educador tem por missão preparar as crianças para enfrentar a vida adulta (aliás, esta é a posição clássica dos missionários, desde o descobrimento do Brasil, missão nem sempre levada a efeito com lealdade). Naturalmente, a hipótese é que a preparação não seja uma forma de ludibriar. Se queremos salvar um povo primitivo que, de repente, confronta-se, inexoravelmente, com a civilização, o único método disponível é prepará-lo para o confronto (sob pena de criarmos uma reserva de animais raros, como se fez com os animais em extinção). Todo mundo de bom senso sabe que os índios são crianças-grandes. O fato de algumas pessoas, românticamente, gostarem de seu modo de vida é pura nostalgia, é medo de enfrentar a história (não as censuras). Temos que proteger os índios enquanto se preparam para a civilização. Se eles querem ou não conservar sua cultura é problema deles à posteriori (provavelmente optarão pela nossa). Lauro de Oliveira Lima — Rio de Janeiro